

Preconceito lingüístico e ensino

Português

Enviado por: aquiasvalasco@seed.pr.gov.br

Postado em: 03/12/2008

Neste texto, apoiados em alguns artigos publicados em revistas brasileiras de divulgação científica, retomamos uma questão que, embora bastante importante, anda um pouco esquecida na nossa sociedade. Saiba mais...

Por Júlia Lourenço (DL-UFSCAR) Neste texto, apoiados em alguns artigos publicados em revistas brasileiras de divulgação científica, retomamos uma questão que, embora bastante importante, anda um pouco esquecida na nossa sociedade. Trata-se de tentar compreender de uma forma um pouco mais acurada como os especialistas que refletem sobre as relações entre linguagem e sociedade compreendem as implicações do preconceito lingüístico para o ensino de língua. Assim como qualquer outro elemento da humanidade, a linguagem também se modifica através dos tempos, sendo denominada um organismo vivo dentro da sociedade ela sofre as mais diversas transformações a partir do seu uso pelos falantes e o conseqüente contato entre eles. Desde o nascimento, o indivíduo possui formas internalizadas da linguagem, e assim, escutando outras pessoas conversarem, consegue, com o tempo, aprender a se comunicar através da fala. Quando esse sujeito é inserido no ambiente escolar, inicia-se o processo de aprendizagem da língua padrão, ensinada através das Gramáticas Tradicionais, a qual muitas vezes é divergente da língua natural apreendida até então. Esse aluno ingressante, que já possuía sua "própria língua", na escola descobre que tudo o que aprendeu é considerado errado e dessa forma, sua personalidade se perde abrindo espaço para o preconceito em relação a outros modos de se falar. Nesse processo, a língua padrão passa a ser considerada a forma "correta" de se expressar, em detrimento de outras formas, que por sua vez, passam a ser consideradas "feias". Em conjunto com essas situações reais, pode surgir o preconceito lingüístico, que de acordo com o lingüista brasileiro Marcos Bagno, "é a atitude que consiste em discriminar uma pessoa devido ao seu modo de falar".

Sabemos que o ingresso na escola, infelizmente, não é democrático; existem muitas crianças que ficam à margem desta inserção e que depois, possivelmente, sofrerão algum tipo de preconceito lingüístico por parte dos privilegiados que a frequentaram. Segundo o sociólogo Nelson Viana "a linguagem é um fenômeno social e está ligada ao processo de dominação, tal como o sistema escolar, que é a fonte da dominação lingüística". A linguagem então está intrinsecamente ligada ao social, à dominação de classes, à manutenção do poder nas mãos da classe dominante (aquela que teve acesso à cultura, é óbvio). O indivíduo que frequentou uma escola, quando for à procura de um emprego, possivelmente, conseguirá um cargo melhor que aquele que não teve esse privilégio, isso ocorre porque a sociedade reforça o comportamento da escola, aceitando somente aquele que se utiliza do português padrão. Marcos Bagno, afirma que o "preconceito lingüístico é somente uma denominação 'bonita' para um profundo preconceito 'social': não é a maneira de falar que sofre preconceito, mas a identidade social e individual do falante". Essa afirmação reforça o caráter social da linguagem e a exclusão social que ocorre por meio dela, aquele que não teve acesso, dificilmente ascenderá socialmente, ou seja, permanecerá excluído ao acesso à cultura e à sociedade de maneira geral. O papel das instituições escolares deveria ser o de ensinar o aluno que existe uma norma padrão, mas que também existem suas variações e que todos nós devemos identificar as situações nas quais utilizaremos uma em detrimento da outra, o aluno deve saber que

não existe certo e errado, apenas situações de uso, para que o aluno não ache que o dialeto caipira, por exemplo é errado, ou que o jeito como seus pais se comunicam em casa (provavelmente informalmente) também é errado. O aluno como indivíduo inserido na sociedade deve saber refletir, não só sobre o uso da língua, mas sobre todas as questões que afetam a relação entre os seres humanos de maneira geral. O objetivo principal da linguagem é a comunicação, o aluno deve saber disso. Segundo Marcuschi “o principal não parece apenas dizer as coisas adequadamente, como se os sentidos estivessem prontos em algum lugar cabendo aos falantes identificá-los.(...) [a escola] deveria fazer o aluno exercitar o espírito crítico e a capacidade de raciocínio desenvolvendo sua habilidade de interagir criticamente com o meio e os indivíduos”. Até o próximo encontro. Fonte: <http://www.lettras.ufscar.br>